De Belém ao Tarrafal: O turismo negro como veículo de narrativas múltiplas (pós-) coloniais

Belmira Coutinho[1] & Maria Manuel Baptista[2]

Universidade de Aveiro e Universidade do Minho/ CECS, Portugal

Resumo: No seguimento das iniciativas de aproveitamento turístico de atrações relacionadas com o período colonial e pós-colonial português, este artigo salienta a necessidade de veicular narrativas múltiplas sobre os acontecimentos e as circunstâncias que estiveram na origem dessas atrações. Assim, descreve-se o processo de passagem de uma narrativa única de Portugal como colonizador – onde se destaca o Lusotropicalismo – para a multiplicidade de narrativas que existem na atualidade, vindas de Portugal e dos países que foram colónias suas. De seguida, demonstra-se o potencial do turismo negro, em particular, das suas atrações, como meios privilegiados para a transmissão de mensagens múltiplas, já que cada atração é passível de várias interpretações. Por fim, conclui-se com a necessidade de tomar decisões consertadas entre os países da CPLP sobre as narrativas a veicular nas atrações e de realizar estudos de caso que aprofundem aspetos específicos de cada uma delas.

Palavras-chave: Pós-colonialismo; narrativas múltiplas; Turismo Negro; mediação da morte.

Introdução

> "Muitas histórias importam. As histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas as histórias também podem ser usadas para capacitar, e para humanizar. As histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas as histórias também podem reparar essa dignidade perdida."
> — Chimamanda Ngozi Adichie

Recentemente têm surgido iniciativas dos países Lusófonos com vista à implementação de projetos turísticos que exploram a História colonial comum. Um exemplo destas iniciativas é o projeto da Rota dos Presídios do Mundo Lusófono, que tem por objetivo a criação de:

> Um novo espaço formal de reflexão e conhecimento da nossa história comum, eventualmente no âmbito da CPLP, sobre a natureza da ditadura que vigorou durante anos, nos países de expressão portuguesa e da promoção e aprofundamento do estudo científico dos movimentos e processos de resistência dos povos português e africanos pela sua liberdade e autodeterminação (Saial, 2013a).

Existe também um projeto da UNESCO com vista à criação da Rota dos Escravos, que visa compreender a escravatura e as suas consequências e fomentar o diálogo intercultural sobre o tema (UNESCO, s.d.). Esta iniciativa, que partiu de vários países Africanos, inclui (ou incluirá) países membros da CPLP como o

1 Doutoranda em Estudos Culturais pelas Universidades de Aveiro e do Minho, Mestre em Gestão e Planeamento em Turismo pela Universidade de Aveiro e Licenciada em Turismo pela Universidade do Algarve. É Investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (UM).

2 Doutorada em Filosofia da Cultura, com provas de agregação em Estudos Culturais é Professora Auxiliar e Investigadora da Área de Cultura Portuguesa no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. É atualmente Diretora do Curso de Doutoramento em Estudos Culturais no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (3º ciclo lecionado em colaboração com a Universidade do Minho). As publicações mais significativas situam-se na área dos Estudos Culturais e na obra de Eduardo Lourenço.

Brasil e Cabo-Verde (UNESCO, 2012; Saial, 2013b).

Ao mesmo tempo, existem já várias atrações turísticas relacionadas com o colonialismo que refletem momentos e circunstâncias de morte e de sofrimento em Portugal e nos países Lusófonos: as cadeias de Peniche e do Aljube, em Portugal, o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo-Verde, o Museu da Resistência Timorense, o Museu da Escravatura e o Museu das Forças Armadas, em Angola (entre outros).

Em todos estes locais, as narrativas do colonialismo e pós-colonialismo português são marcadas por visões, por vezes, diametralmente opostas.

Por um lado, existe a narrativa de Portugal como um colonizador de exceção – já que era, ao mesmo tempo, colonizador e colonizado – que colonizou povos subdesenvolvidos primordialmente através da língua, da cultura, da integração, do desenvolvimento (Santos, 2003). Por outro lado, existe uma outra narrativa, pejada de violência, repressão, racismo, discriminação, em que Portugal aparece como invasor, explorador de recursos, sob a máscara de um ideal de união que nunca se concretizou (Almeida M. V., 2008b, Castelo, 2013).

E, no meio destas visões a preto e branco de uma mesma realidade, existe um sem fim de tons de cinzento que importa trazer para o debate; não só – ou não como prioridade – no interior da academia, mas também na sociedade, com os indivíduos, sejam decisores políticos ou comuns cidadãos.

A pergunta que se impõe é: como fazê-lo? Como fomentar a discussão e a reflexão individuais sobre estas múltiplas visões de um mesmo objeto? Desta pergunta nascem outras: Como é que estas narrativas podem coabitar de forma pacífica? Onde é que elas podem estar à disposição dos indivíduos, sob formas que todos possam consumir, processar, discutir e debater?

A tese aqui proposta é a de que o Turismo, em particular o turismo negro, pode ser uma resposta a estas questões.

O turismo negro pode ser definido como um tipo de atividade turística que se desenvolve em locais com alguma ligação, concreta e identificável, à morte e ao sofrimento. Neste âmbito incluem-se, por exemplo, cemitérios e catacumbas, mas também prisões, campos de batalha, museus e exposições temporárias (entre outras atrações). Mas, para além disso, os locais de Turismo Negro são espaços sociais passíveis de múltiplos significados e reconfigurações, constituindo, ao mesmo tempo, locais que não põem em causa a sensação de segurança dos indivíduos.

Assim, num primeiro momento deste texto abordam-se as várias narrativas relativas ao colonialismo e ao pós-colonialismo portugueses, desde a narrativa com tendências hegemónicas do Lusotropicalismo até às narrativas múltiplas e contrastantes que existem na atualidade. De seguida, discute-se como o Turismo Negro pode ser um meio onde todas estas narrativas podem coexistir e serem apresentadas para apropriação e discussão do público.

Nas conclusões finais do artigo apontam-se caminhos através dos quais esta possibilidade se pode concretizar.

1. O espectro de narrativas do (pós-) colonialismo português

As narrativas sobre Portugal enquanto colonizador sofreram várias alterações e evoluíram ao longo dos anos. Se, desde os anos 60 até à Revolução de 1974, a narrativa oficial dominante era a do Lusotropicalismo, a queda do regime ditatorial e o colapso do império deram azo à emergência de muitas e distintas perspetivas (Almeida M., 2008a, 2008b).

O conceito de Lusotropicalismo nasce da obra *Casa Grande & Senzala* do autor Gilberto Freyre, em 1933, embora o termo só seja usado em obras posteriores (Almeida M., 2008b). Segundo esta conceção, os portugueses teriam uma inclinação natural para a vida nos trópicos e para o relacionamento fácil

com os povos nativos, inclinação que seria consequência do facto de os portugueses serem já um povo híbrido e miscigenado (Freyre, 2003).

Embora não tenha sido inicialmente aceite pelo regime ditatorial, o Lusotropicalismo tornou-se uma ferramenta útil ao regime a partir do momento em que, no período pós- II Guerra Mundial, a recém-criada organização das Nações Unidas defendia a autodeterminação como um direito fundamental do ser humano e começou a exercer pressão sobre os países que mantinham territórios sob ocupação para que os libertassem (Castelo, 2013, Almeida,2008b).

O Lusotropicalismo ganhou aceitação no meio académico e científico à medida que era assimilado como discurso oficial do regime. Adriano Moreira, que teve um papel fulcral nessa assimilação, introduz o estudo do Lusotropicalismo no ensino superior em meados da década de 50 do século passado (Castelo, 2013).

Na década de 60, com o início da guerra em Angola, as críticas ao posicionamento de Portugal em relação às colónias surgem pela primeira vez (Ribeiro, 2005), apesar da crítica encoberta que Castelo (2013) diz já existir, principalmente no meio académico.

A partir de então, sucedem-se as visões que contrariam a narrativa do regime, por exemplo através de textos literários (Ribeiro, 2005). Verifica-se, nesta altura, uma descentralização das narrativas: ao invés de viajarem exclusivamente da posição do centro (metrópole), chegam agora de posições ex-cêntricas (das colónias) (Ribeiro, 2005).

Apesar de todos os esforços do Estado Novo, as "províncias ultramarinas" tornaram-se países independentes, ao mesmo tempo que o próprio regime autoritário português deu origem a uma democracia, integrada numa comunidade de países europeus. A nação precisava de se redefinir, mas não pôde fazê-lo ignorando ou descartando tudo o que acarretava a queda do Império.

Nas palavras de Almeida (2008b: 7-8):

> Três eventos fundamentais tiveram lugar desde 1974 que são importantes para a avaliação desta mudança – ou falta dela. O primeiro foi o deslocamento de um país que se via como baseado nos descobrimentos, a expansão e a colonização, para um país reduzido ao seu território de ex-metrópole e a parte da União Europeia supranacional; o segundo foi o fluxo de migrantes das ex-colónias; e o terceiro foi a emergência de uma nova retórica (e realidade), nomeadamente aquela da Lusofonia e da comunidade falante de Português, incluindo a nova noção da Diáspora Portuguesa.

Pós 25 de Abril, Portugal reconfigura-se como um país integrado no espaço Europeu, e, simultaneamente, como uma ponte entre a Europa, e os países ex-colónias de Portugal, constituindo com eles uma comunidade unida por laços históricos e culturais e interesses económicos (Ribeiro, 2005, Almeida M., 2002, 2008b, Santos, 2003).

Segundo alguns autores (Castelo, 2013, Almeida, 2002, 2008ª, 2008b, Cunha, 2010)), esta narrativa, apesar de duradoura, apresenta inúmeras fragilidades. Estes autores defendem uma visão de Portugal como colonizador violento e repressivo, explorador de recursos, racista e discriminatório – características que perduram no período pós-colonial a que o país não foge no contexto da Lusofonia e na CPLP, face às estratégias de desenvolvimento e às decisões políticas dos outros países-membros.

Segundo outros autores, aqui representados na posição de Boaventura Sousa Santos, Portugal foi um colonizador de exceção, assumindo ao mesmo tempo uma posição de dominador das suas colónias e de subalterno ao poderio de Inglaterra; mais do que isso, foi um colonizador que integrou em si a identidade de colonizado, sendo portanto híbrido, indeciso, incapaz de se definir verdadeiramente (Santos, 2003).

Existem também outros autores com outras perspetivas, como Martins (2004). O autor (Martins, 2004: 91) veio a encarar o Lusotropicalismo como um "multiculturalismo com o denominador comum

de uma língua como pátria", e a Lusofonia como uma classificação prática ou "ordenação simbólica do mundo" (Martins, 2004: 91), regida por funções práticas no sentido de obter efeitos sociais, e composta por nações distintas, culturalmente solidárias.

Ao mesmo tempo, as narrativas coloniais e pós-coloniais que surgem a partir das ex-colónias portuguesas oferecem novas perspetivas e possibilidades de (re)configuração de Portugal e de Portugal em relação aos países que outrora dominou.

Algumas dessas narrativas evidenciam, claro, a resistência dos povos à repressão por parte dos ocupantes; outras manifestam-se contra a identidade Lusófona que tem dificuldades em ser imposta a determinados países, salientando a necessidade de que eles definam as suas identidades em relação a Portugal, de outro modo que não através da língua (Varela, 2012).

Todas estas narrativas, e muitas outras não incluídas aqui, constituem um vasto espectro de perspetivas de análise do (pós-)colonialismo português – que importa pensar e debater na esfera pública. A tese aqui apresentada é a de que a atividade turística pode contribuir para este debate.

2. Turismo Negro: mediador e reconfigurador de espaços

O turismo negro pode ser definido como a atividade turística em locais que, acidental ou intencionalmente, se tornaram atrações turísticas, e que têm uma ligação, concreta e identificável, à morte e ao sofrimento (Coutinho, 2012). Dentro desta definição cabe uma grande variedade de atrações, capazes de apelar a públicos-alvo distintos. Mas, subjacente a essa variedade da oferta está a característica comum de possibilidade de contacto/relacionamento dos visitantes com a morte e o sofrimento.

Segundo autores como Ariès (1988), Giddens (1991), e Stone (Stone, 2009), a sociedade contemporânea afastou o contacto direto com a morte das vivências quotidianas, remetendo-o para lugares e circunstâncias excecionais – como instituições médicas e funerárias. Ao mesmo tempo, verificou-se a desvalorização da religião e dos mecanismos tradicionais para lidar com a morte, face ao multiculturalismo, às diásporas, e mesmo à emergência da ciência, que não obstante, não consegue criar novas verdades que substituam as religiosas (Giddens, 1991). Desta forma a morte perdeu muito do seu significado público, estando agora na esfera individual, sendo cada indivíduo, sozinho, obrigado a criar os seus próprios mecanismos para lidar com a morte e o sofrimento (Giddens, 1991).

Na sociedade ocidental contemporânea, o Turismo é um meio privilegiado através do qual os indivíduos podem contactar com a morte e com o sofrimento (Walter, 2009, Stone, 2009b) de uma forma que não ameaça a sua segurança ontológica (Giddens, 1991). Por outras palavras, o contacto com morte e sofrimento através do Turismo – do turismo negro, portanto – não causa aos indivíduos a sensação de que aquilo que são, na sua totalidade, é de alguma forma posto em causa. Pelo contrário, o turismo negro oferece um ambiente seguro, e por vezes socialmente sancionado, onde os indivíduos podem construir os seus conceitos de mortalidade (Stone 2006, 2008). Nas palavras de Tarlow: "é no turismo negro que o espaço interno de uma pessoa se define pela experiência externa" (2005, p.52).

De facto, este tipo de turismo pode ser considerado como simbólico (Tarlow, 2005), o que se liga com a afirmação de Stone (2013) de que os locais de turismo negro podem ser considerados heterotopias. Segundo Foucault (1967), as heterotopias são locais que:

> "têm a curiosa propriedade de estarem relacionados com todos os outros locais, mas de uma maneira tal que suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que são, em si, designadas, refletidas ou pensadas. Estes espaços, de qualquer tipo, [...] estão ligados a todos os outros, [...] e contudo contradizem-nos" (Foucault, 1967).

Stone (2013) argumenta que os locais de turismo negro são, ao mesmo tempo, espaços físicos e espaços sociais, que refletem a cultura do local onde se localizam, mas ultrapassam-na, sendo, muitas vezes, locais representativos de crises do passado com significado supra-nacional, mas onde os visitantes também podem reflectir sobre crises presentes e futuras. Desta forma, estes locais representam mais do que um único momento no passado, apontando antes para uma justaposição de tempos (Stone, 2013).

Deste modo, os locais de turismo negro são espaços físicos e sociais onde a normalidade é interrompida e onde são projectados significados relacionados com o local, aquilo que representa, e o indivíduo que o visita (Stone, 2013, Foucault, 1967).

Contudo, para se perceber o verdadeiro poder do turismo negro, é necessário relacioná-lo com a nostalgia (Tarlow, 2005). Segundo Boym (2001, p.8), a nostalgia moderna é "um luto pela impossibilidade de regresso mítico", regresso a um mundo com fronteiras e valores definidos, mas imaginado. A nostalgia no turismo, contudo, supõe uma possibilidade restauradora para além da reflexiva – o turista procura curar feridas antigas viajando para o passado (Tarlow, 2005). O mesmo autor afirma que o turismo negro "pode ser uma forma de nostalgia virtual em que o viajante indiretamente visita a cena da tragédia, experienciando o local da tragédia" (Tarlow, 2005: 52).

No entanto, os locais de turismo negro permanecem atrações turísticas e, como tal, estão inseridos numa lógica comercial. É necessário que se apresentem como uma atração, um produto capaz de apelar aos visitantes e responder às suas necessidades.

Assim sendo, o turismo negro pode ser apresentado e consumido em diferentes configurações, dependendo do modo como cada produto é contextualizado e tematizado de forma a ser consumido pelo público visitante (Tarlow, 2005). Tarlow (2005: 54) identifica sete formas de apresentação/ consumo do turismo negro:

- "*Um pretexto para compreender a nossa época através de visitas a locais de tragédia usados como pretexto para explicar a situação política atual*[1]." Desta forma o visitante não só capta a mensagem, mas espera-se que a integre na sua compreensão cultural atual e a transmita.
- "*Romantismo, que é frequentemente encontrado em campos de batalha ou em locais de tortura*". Aqui o visitante pode imaginar-se como um herói dos acontecimentos retratados na atração.
- "*Barbarismo, onde se faz com que o visitante se sinta superior aos perpetradores do crime*." Esta modalidade mostra a crueldade do ser humano ao mesmo tempo que instiga a compaixão pelas vítimas.
- "*Parte da identidade nacional, produzindo a mensagem de que 'apesar de termos sofrido conseguimos vencer'*". O autor enfatiza o facto de a distinção entre "nós" e os "outros" estar muito presente nesta modalidade.
- "*Um sinal de decadência*", no sentido de degradação moral/ética daqueles que injustamente prejudicaram ou maltrataram o grupo que agora é dominante ou vencedor.
- "*Uma experiência mística*", que nasce da tragédia e está relacionada com a ligação dos visitantes ao local. Tarlow (2005) dá como exemplo os descendentes de escravos que visitam antigas senzalas.
- "*Uma experiência espiritual*", que se distingue da mística por ser mais ampla e "*baseada mais num sentido comum de humanidade do que em comunhão de raça, etnia ou nacionalidade ou religião*".

Daqui pode concluir-se que a mesma atração de turismo negro pode ser interpretada pelo visitante

1 Todos os itálicos são do autor.

de várias maneiras, e pode ser narrada de várias maneiras. E o modo como ela é narrada/apresentada aos visitantes está dependente das decisões dos responsáveis pela atração e pelo seu conteúdo. Nas palavras de Sternberg (1999, p.125):

> "se os compositores de experiências turísticas realmente escolhem temas múltiplos, devem fazê-lo através de uma cuidadosa avaliação icónica – devem escolher temas que são compatíveis, complementares, ou propositadamente contrastantes."

O autor (Sternberg, 1999) salienta ainda que, ao optar-se por múltiplas narrativas numa mesma atração, é fundamental manter coerência narrativa do princípio ao fim da experiência do visitante; coerência não entre narrativas, mas na estrutura em que elas são contadas.

3. Uma proposta de turismo negro para a Lusofonia

No seguimento das iniciativas dos países Lusófonos de implementar projetos turísticos que exploram a História colonial comum, importa encontrar meios que permitam veicular as diversas visões que existem sobre os acontecimentos que ligam todos estes países. O turismo negro é aqui apresentado como uma forma de responder a essa necessidade, já que é passível de múltiplas interpretações.

Em Portugal, passou-se de um regime que só permitia uma única narrativa do colonialismo, para uma época de múltiplas narrativas coloniais e pós-coloniais. Desde a década de 50 do século passado, e até à revolução de 1974, o discurso oficial do Estado Novo era o de um Portugal inclusivo de povos e culturas, híbrido, com especial aptidão para a colonização ultramarina. Com a queda da ditadura, o desmantelamento do império ultramarino e a entrada de Portugal na União Europeia, as perspetivas sobre o colonialismo e o pós-colonialismo portugueses diversificam-se. Algumas contradizem quase por completo a narrativa Lusotropicalista, vendo Portugal como um colonizador repressivo, violento e racista, que mantém ilusões neocoloniais numa comunidade entretanto formada com os países que outrora colonizou. Outras continuam a considerar Portugal um colonizador sui generis, já que ao mesmo tempo que colonizava, estava subordinado ao poderio Britânico. Outras ainda reconhecem a importância dos laços culturais que foram criados entre Portugal e as suas ex-colónias e vêem-nos como uma possibilidade de união com efeitos práticos. A criação e difusão destas narrativas não é, agora, privilégio único de Portugal: dos países que foram colónias portuguesas chegam narrativas de resistência e coragem, de afirmação de identidades nacionais e culturais.

O facto é que existem muitas maneiras de olhar o colonialismo e o pós-colonialismo de Portugal – e é importante pensá-lo na sua complexidade.

O Turismo, em especial o turismo negro, pode ser um meio que potencia essa reflexão e esse pensamento. Este tipo de turismo diz respeito a locais de e relacionados com morte e sofrimento que são alvo de atividade turística. Os acontecimentos e as circunstâncias de morte e de sofrimento que estão na origem da criação destas atrações são representativos da história e da cultura dos locais, mas, ao mesmo tempo, têm significados globais e podem ser interpretados de múltiplas formas.

Assim, o turismo negro é um mediador de morte e de sofrimento privilegiado, mas é também especialmente destinado ao consumo por parte dos indivíduos, numa ótica comercial. As atrações de turismo negro não se limitam a veicular mensagens: inserem-nas numa estratégia temática e processam-nas de modo a serem facilmente assimiladas pelos visitantes.

Esta definição estratégica das narrativas pode representar uma tematização única das atrações de turismo negro, mas, ao mesmo tempo, é aqui que reside o seu grande potencial como veiculadoras de narrativas múltiplas: cada atração pode ser apresentada e consumida sob várias formas.

Ilustra-se esta posição tomando como exemplo o caso concreto da Colónia Penal do Tarrafal. A Colónia Penal do Tarrafal, também chamada de Campo da Morte Lenta ou Campo de Concentração do Tarrafal, foi criada em 23 de Abril de 1936 pelo Estado Novo na ilha de Santiago (arquipélago de Cabo Verde), com o intuito de acolher "presos por crimes políticos e sociais" (Câmara Municipal do Tarrafal, 2010) e esteve em funcionamento até 19 de Julho de 1975 (Morais, 2011).

Em 2000, a Colónia Penal do Tarrafal foi transformada no Museu da Resistência, com o apoio da Cooperação Portuguesa (Mendes, 2012). O museu funciona em "condições minimalistas" (Mendes, 2012, p. 65), tendo informação turística essencial, como painéis informativos sobre o campo e as diferentes salas e secções por onde o visitante pode circular. Para além dessa informação, existem também painéis com fotografias e relatos de antigos presos (Mendes, 2012), bem como listas com os nomes dos presos que passaram por esta prisão (Cabo Verde Contacta, 2011).

Este Museu da Resistência funciona como um espaço de "compensação simbólica", procurando reconstruir as memórias dos presos que passaram pelo Campo, entendidos como vítimas do fascismo (Mendes, 2012: 66). No entanto, verifica-se a ausência de uma estratégia narrativa que estimule a discussão e debate nos visitantes: o esforço de reconstrução de memória por parte do Museu é feito de forma desarticulada com a população local e com as associações de sobreviventes do campo, e não inclui as narrativas de resistência formadas a partir de Portugal e de outros países da Lusofonia (Mendes, 2012).

Daqui podem ser inferidos dois aspetos fundamentais a ter em conta numa política de turismo negro na Lusofonia. Um deles é que os espaços museológicos que explorem aspetos do passado colonial entre os países lusófonos devem conter a multiplicidade de narrativas produzidas neste contexto. O outro é a necessidade de envolver os sujeitos, as universidades e outras organizações no debate, com vista à definição de macro e micro estratégias de turismo negro, entre e nos países lusófonos.

Em 2009 realizou-se, no Museu da Resistência do Tarrafal, um Simpósio Internacional comemorativo dos 35 anos do encerramento do campo e instalaram-se exposições comemorativas no local (Mendes, 2012). Estas duas iniciativas representam outros dois elementos estratégicos importantes para uma política de turismo negro para a Lusofonia. As conferências internacionais poderão ser palcos privilegiados para o debate sobre o colonialismo e o pós-colonialismo, na Lusofonia e no resto do mundo, e sobre os meios e formas de explorar, configurar e apresentar o tema de forma a estimular a sua discussão pelos indivíduos.

As exposições itinerantes, que transitem entre vários países da Lusofonia e sejam produzidas em conjunto por eles, poderão também fomentar a reflexão e o debate multilaterais.

Contudo, a definição de uma política de turismo negro para a Lusofonia representa um desafio logo à partida: em primeiro lugar, é necessário que os países lusófonos compreendam que o turismo em locais de morte e de sofrimento (turismo negro) cumpre um papel importante para a sociedade e para a cultura dos países que compõem a Lusofonia, ao potenciar a discussão e o debate sobre os acontecimentos e os contextos de morte e de sofrimento que estão na origem das atrações turísticas.

Entretanto, cabe aos responsáveis pelas atrações e aos decisores políticos estabelecer as estratégias que determinam o modo como as atrações de turismo negro são tematizadas e apresentadas ao público. No contexto dos países que fizeram parte do antigo Império Português Ultramarino, importa estabelecer estratégias conjuntas, de modo a dar voz a uma pluralidade de mensagens nestas atrações.

Poder-se-á descrever apenas os factos relativos a uma atração, despojados de contexto, e deixar que os visitantes os insiram nas suas próprias construções? Será o melhor caminho a criação de visitas ou pacotes de interpretação temáticos para cada atração? Poderá a inclusão de testemunhos individuais sobre os locais e os acontecimentos que deram origem às atrações de turismo negro ser a solução para a veiculação de narrativas múltiplas? A resposta a estas perguntas só será possível conduzindo mais

investigação. Serão necessários, por exemplo, estudos de casos singulares e comparativos de forma a identificar boas-práticas dentro e fora da Lusofonia e a perceber concretamente como é que as atrações de turismo negro nos países lusófonos podem ser apresentadas de forma a estimular a discussão em cada visitante. Com efeito, pretende-se, com o turismo negro, contribuir para a construção de uma memória e um imaginário lusófonos comuns, na base dos quais o Outro (todos os Outros) possa(m) ser reconhecido(s) – condição essencial à construção de uma real comunidade Lusófona.

Referências Bibliográficas

Almeida, M. (2008a). "Anthropology and Ethnography of the Portuguese-speaking Empire" in P. Poddar, R. Patke, & L. Jensen (Edits.), *A Historical Companion to Postcolonial Literatures. Continental Europe and Its Empires*. Edinburgh: Edinburgh University Press, pp. 435-439.

_____. (2008b). *Portugal's Colonial Complex: From Colonial Lusotropicalism to Postcolonial Lusophony*. Miguel Vale de Almeida: [Url: http://miguelvaledealmeida.net/wp-content/uploads/2008/05/portugals-colonial-complex.pdf, acedido em 17/04/2013].

_____. (2002). "O Atlântico Pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso 'lusófono'". Em C. Bastos, M. V. Almeida, & B. Feldman-Bianco (Edits.), *Trânsitos Coloniais: Diálogos Críticos Luso-Brasileiros*. Lisboa: ICS, pp. 23-37.

Ariès, P. (1988). *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Teorema.

Boym, S. (2001). *The Future of Nostalgia*. New York: Basic Books.

Cabo Verde Contacta. (21 de Abril de 2011). *Campo de Concentração do Tarrafal*. Cabo Verde Contacta: [Url: http://caboverdecontacta.blogspot.pt/2011/04/campo-de-concentracao-do-tarrafal.html, acedido em 28/04/12].

Câmara Municipal do Tarrafal. (2010). Museu da resistência. Município do Tarrafal: [Url: http://www.cmt.cv/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=64, acedido em 28/04/2012].

Castelo, C. (2013). O luso-tropicalismo e o colonialismo português tardio. de Buala - cultura contemporânea africana: [Url: http://www.buala.org/pt/a-ler/o-luso-tropicalismo-e-o-colonialismo-portugues-tardio, acedido em 17/04/2013].

Coutinho, B. (2012). *Há morte nas catacumbas? Um estudo sobre Turismo Negro*. [Dissertação de Mestrado] Aveiro: Universidade de Aveiro.

Cunha, C. (2010). A questão da "especificidade" do pós-colonialismo português. (U. d. Minho, Ed.) RepositoriUM: [Url: http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/22564, acedido em 8/02/2013].

Foucault, M. (1967). Des espaces autres, Hétérotopies. de "Nouveau millénaire, Défis libertaires": [Url: http://1libertaire.free.fr/Foucault12.html, acedido em 15/02/2013].

Freyre, G. (2003). *Casa-grande & senzala*. Recife: Global Editora.

Gallo, L. (s.d.). *Portugal, entre Próspero e Caliban: Quando se está na diáspora mesmo estando na própria terra*. [Url: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/L/Liliana_Gallo_10_B.pdf, acedido em 7/02/2013].

Giddens, A. (1991). *Modernity and Self Identity*. Cambridge: Polity.

Martins, M. (2004). *Lusotropicalismo e Lusofonia. Equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários*. [Url: http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/1075, acedido em 15/01/2014].

Mendes, C. (2012). *Museu da resistência: lugar de memória e instrumento da memória. Ensaios e Práticas em Museologia*, 2, 57-69. [Url: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10516.pdf, acedido em 23/02/2013].

Morais, C. (31 de Outubro de 2011). *Tarrafal, de Campo de Concentração a Museu da Resistência. de Sapo Notícias Cabo Verde*. [Url: http://noticias.sapo.cv/info/artigo/1197253.html, acedido em 28/04/2012].

Ribeiro, M. (2005). *Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento.

Rothwell, P. (2006). Portugal e Moçambique no Século XX: Língua, Pátria, e Pânico. Em Prelo 3. INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 114-27.

Saial, J. (2013a). 1.ª Conferência Internacional Rota dos Presídios do Mundo Lusófono no Tarrafal de Santiago. Cidade Velha 1462: [Url: http://cidadevelha1462.blogspot.pt/2013/10/0478-1-conferencia-internacional-rota.html, acedido em 15/01/2014].

_____. (2013b). [0373] Conferência sobre a Rota dos Escravos. de Cidade Velha 1642: [Url: http://cidadevelha1462.blogspot.pt/2013/01/0373-conferencia-sobre-rota-dos-escravos.html, acedido em 19/01/2014].

Santos, B. (2003). "Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade" in *Revista Novos Estudos*, 66, pp. 23-52.

Sharpley, R. (2009). "Shedding Light on Dark Tourism: An Introduction" in Sharpley, R., & Stone, P. (Edits.), *The Darker Side of Travel - The Theory and Practice of Dark Tourism*. Bristol: Channel View Publications. pp. 3-32.

Sternberg, E. (1999). *The Economy of Icons: how business manufactures meaning*. Westport: Praeger Publishers.

Stone, P. (2013). "Dark Tourism, Heterotopias and Post-Apocalyptic Places: The Case of Chernobyl" in L. White, & E. Frew, *Dark Tourism and Place Identity: Managing and Interpreting Dark Places* (p. s.p.). Melbourne: Routledge.

_____. (2011). "Dark Tourism in Contemporary Society: Mediating Life and Death Narratives" in *Twilight Tourism: An International Symposium*, pp. 1-29.

_____. (2009a). "'It's a Bloody Guide': Fun, Fear and a Lighter Side of Dark Tourism at the Dungeon Visitor Attractions, UK" in R. Sharpley, & P. Stone (Edits.), *The Darker Side of Travel - The Theory and Practice of Dark Tourism*. Bristol: Channel View Publications, pp. 167-185.

_____. (2009b). "Making Absent Death Present: Consuming Dark Tourism in Contemporary Society" R. Sharpley, & P. Stone (Edits.), *The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism*. Bristol: Channel View Publications, pp. 23-38.

_____. (2006). *A Dark Tourism spectrum: Towards a Typology of Death and Macabre Related Tourist Sites, Attractions and Exhibitions. Tourism: An Interdisciplinary International*

Journal, 54 (2), pp. 145-160.

_____., & Sharpley, R. (2008). "Consuming Dark Tourism: a Thanatological Perspective" in *Annals of Tourism Research*, 35 (2), pp. 574-595.

UNESCO. (2012). *Projeto A Rota do Escravo da UNESCO inspira seminário internacional sobre a memória negreira*. REPRESENTAÇÃO DA UNESCO NO Brasil: [Url: http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/single-view/news/the_slave_route_project_of_unesco_inspires_international_seminar_on_slavery_memory/#.UwzF9_l_tug, acedido em 19/01/2014].

UNESCO. (s.d.). *The Slave Route*. UNESCO - Culture: [Url: http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/dialogue/the-slave-route/, acedido em 19/01/2014].

Varela, O. (2012). Manifesto «Lusofóbico», crítica da identidade cultural «lusófona» em Cabo Verde. Buala: [Url: http://www.buala.org/pt/a-ler/manifesto-lusofobico-critica-da-identidade-cultural-lusofona-em-cabo-verde, acedido em 20/01/2014].

Walter, T. (2009). "Dark Tourism: Mediating Between the Dead and the Living" in R. Sharpley, & P. Stone (Edits.), *The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism*. Bristol: Channel View Publications, pp. 39-55.